



Eixo Temático: Mulher e Subjetividade

## **Da Mulher em Movimento: Quando a Poesia “Arrebenta” em Discurso Vivido**

Lays Gabrielle Neves Moreno  
*Professora de Espanhol- IFF/Macaé*  
*Mestre em Literaturas Hispânicas/ UFRJ*  
*laysnevesmoreno@gmail.com*

### **Resumo**

Esta pesquisa a ser desenvolvida em um doutorado encontra bases no *Poetry Slam*: campeonatos de poesia falada, originados em Chicago, nos Estados Unidos, no final da década de 80 e posteriormente difundidos por outras partes do mundo. O movimento chega ao Brasil em 2008, em São Paulo, pelas cordas vocais de uma mulher: Roberta Estrela D’Alva. Nessas batalhas poéticas e performáticas, os *slammers* inauguram um espaço entre a escrita, a oralidade e o imagético, deslocando fronteiras entre centro e periferia, público e privado; ampliando a própria noção de campo literário e poesia contemporânea, que se tece aqui na trama das relações humanas, seus corpos e intersubjetividades e na relação da construção de sentidos e saberes com seus espaços de produção e circulação. Nesse primeiro momento da investigação, me interessei por mapear, de maneira genérica e apreciativa durante essa fala, numa espécie de cartografia afetiva, algumas vezes da poesia slam brasileira em cena desde Sobral, no interior do Ceará, passando por Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Observando suas principais características de expressão enquanto escritores e poetas, e enquanto integrantes de diferentes coletivos que narram corpos outrora silenciados.

**Palavras-Chave: Subjetividade. Performance. Literatura. Slammers. SLAM.**

### **Introdução**

A poesia falada ecoou nas praças das cidades: que discursos são esses que se reinventam e se atualizam a cada nova cena poética? O caráter efêmero da palavra nesse cenário é passível de narração? Haverá tradução para essa linguagem investida de elementos performáticos? Sujeito, personagem, lugar, circunstâncias, relações de contato, representações do real e do vivido. É preciso abandonar dicotomias engessadas e avançar algumas fronteiras para além dos estudos literários restritos. É o engajamento do corpo: testemunho vivo, denúncia velada por tantos anos. Um corpo social que explode, do balbúcio do “Planetas sem boca” ao gutural rebento fônico: “uma espécie de ressurgência das energias vocais da humanidade (...) energias que foram reprimidas durante séculos no discurso social das sociedades ocidentais pelo curso hegemônico da escrita”. (2018, p. 18).



Aqui “a voz viva tem necessidade- uma necessidade vital- de revanche, de ‘tomar a palavra’ como se diz (...) e como seria ela, senão sob a forma do grito?”(2018, p. 19)

A palavra “slam” é uma onomatopeia, uma palavra que imita o som de uma batida de porta, por exemplo: Pow! Pá! O termo também é originalmente empregado em competições esportivas como o Grand Slam do Tênis/ Basquete. Neste estudo, tal qual o estamos analisando, SLAM é um campeonato de poesia falada: “o Grand Slam de Poesia”, uma modalidade com regras e formato já bem estabelecidos. Os competidores são os “slammers”. As poesias precisam ser autorais e cada poeta tem até 3 minutos para realização de suas performances, com tolerância de 10 segundos e descontos de décimos depois desse limite. Os 5 jurados que dão notas aos participantes são escolhidos na hora na plateia, aleatoriamente. Dessas 5 notas, são descartadas a maior e a menor, e as 3 notas do meio são somadas. Não há acompanhamento musical nem objeto cênico e o ritmo de cada rodada é dado pelo “slammaster”, que é o apresentador da competição.

Quando chega ao Brasil, o movimento que antes se dava em espaços privados, ganha as ruas e praças. Depois do ZAP! SLAM, o Slam da Guilhermina, em São Paulo é representativo desse novo formato de evento. Em terras brasileiras, marcadas por profundas fissuras sociais, econômicas e políticas, as batalhas encontram solo fértil para lançar as palavras. Desde então uma variedade de coletivos foram surgindo e alguns SLAM’s já são bem conhecidos da cena: -Slam das Minas, Slam Resistência, Slam das Cumadi, Slam da Guilhermina, Slam da Quentura, Slam do Corpo, são alguns exemplos. E no âmbito desses movimentos, os naturais processos de identificação cultural e os sujeitos sociais desses cruzamentos. Falo de nomes como Luiza Romão, MC Carol Dall Farra, Tom Grito, Mel Duarte, Luna Vitrolira, Rool Cerqueira, Bicha Poética, Bell Puã, Luz Ribeiro, Mariana Félix, Ryane Leão, Laura Conceição, Jarid Arraes, que acumulam um repertório de pensamentos tão diversos, mas em diálogo porque partem de suas próprias vivências, independente de pertencerem à uma tradição literária acadêmica, não importa. O importante é que esses personagens estão falando e trataremos de tentar cartografar essas “escrivências” enquanto revisitamos um passado que se faz presente (Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus).

## Metodologia

Busco nas teorias da estética, da recepção e do corpo, para além das teorias literárias e dos estudos críticos decoloniais (Judith Butler), tão estruturais e essenciais para o entendimento da trajetória percorrida pelo movimento até aqui, desses sujeitos e dos processos coletivos que nos conformam enquanto sociedade. A aproximação desse *corpus* se faz de maneira bem intuitiva e subjetiva, ora desestabilizando certezas, ora desmonumentalizando cenários construídos, questionando verdades absolutas e alertando para “O perigo de uma história única” (Chimamanda Adichie).



## Resultados e discussão

### Quando eu morrer

Não diga que fui todo  
Rebotalho  
Que vivia à margem da vida  
Digam que eu procurava  
Trabalho  
E fui sempre preterida.

Diga ao povo brasileiro  
O meu sonho era ser escritora  
Mas eu não tinha dinheiro  
Para pagar uma editora.

Digam que eu tinha boa vontade  
E demonstrava minha  
Aptidão  
E que vivia na degradingolada  
Sempre de rastro no chão

Digam que multidão sorria  
Recluída, sempre eu chorava  
Que em todos os lugares que eu ia  
O povo me desprezava

Digam que foi agro o meu viver  
Que ninguém deu-me valor  
Não sei se foi por eu ser,  
De cor.

**Carolina Maria de Jesus**

## Conclusão

“Algumas falas parecem testemunhar que a poesia contemporânea não renasce apenas: ela rebenta”. (...) “O grande gesto poético nos atinge sem prevenir ou dizer de onde vem”. As citações são em referência à poesia de Luna Vitrolira, fragmentos entressacados do posfácio de Lourival Holanda, para o seu livro *Aquenda/ O Amor Às Vezes É Isso*, mas bem pode ser também, representativa das vozes aqui estudadas. São subjetividades que tecem seus corpos e narrativas, protagonizam suas histórias, inauguram a cena, enquanto parecem nos convidar a costurar “as veias abertas da América Latina” e nos curar de tantos traumas.



## Agradecimentos

À Alice Pereira, Camila Barros e Olívia de Melo, professoras pesquisadoras do Projeto NUGEDIS (Núcleo de Gênero, Sexualidade e Diversidade) do IFF- *Campus Macaé* por promoverem espaços de debate onde as pessoas têm vez. E voz. Ao Interior, à Baixada, à Periferia, às Quebradas. À Marielle Franco, “Eu sou porque nós somos”.

Sankofa.

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma única história*. Rio de Janeiro: Grupo Companhia das Letras, 2019.

ALMIRO DE FREITAS, Nilson; NASCIMENTO, Fran; PIMENTEL, Ary; SOUZA, Vicente de Paulo et al. (organizadores). *A poesia falada invade a cena em Sobral: Poetry Slam no interior do Ceará*. Rio de Janeiro: Desalinho; Ganesha Cartonera, 2019.

DUARTE, Mel (organizadora). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*; ilustração de Lela Brandão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FERNANDEZ, Raffaella; PIMENTEL, Ary; (organizadores). Clíris: poemas recolhidos/ Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Desalinho; Ganesha Cartonera, 2019.

STELLA, Marcello Giovani Pocai. *A Batalha da Poesia*. Ponto Urbe [Online]- Consultado em 27/07/2020 URL : <http://pontourbe.revues.org/2836> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2836

VITROLIRA, Luna. *Aquenda- O amor às vezes é isso*. São Paulo: V. de Moura Mendonça- Livros, 2018.

ZUMTHOR, Paul (1915- 95). *Performance, recepção, leitura*. Título original: Performance, réception, lecture. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.